

A denominação da qualidade em português

– aspectos morfossemânticos

Margarita Correia

*Revista Internacional de Língua Portuguesa*¹
FLUL / SILEX (UMR CNRS)

0. Introdução

O presente trabalho insere-se numa investigação mais vasta sobre os processos de formação dos substantivos que, em português, permitem denominar as qualidades – cf. Correia (em preparação).

Como suporte teórico, a investigação tem o modelo de morfologia derivacional, associativo e estratificado, concebido por Danielle Corbin e desenvolvido pela equipa do SILEX, do qual eu própria sou membro associado.

Nesta investigação, procurarei dar conta apenas de questões de morfologia interna². O *corpus* do trabalho foi recolhido em quatro dicionários gerais de língua, a saber Costa & Melo (1994), Figueiredo (1996), Morais Silva (1961) e Ferreira (1986) (cf. bibliografia).

Com esta comunicação pretende-se apresentar uma breve panorâmica do tipo de substantivos que, em português europeu³, podem constituir denominações de qualidades, não podendo, portanto, aprofundar as questões aqui apresentadas e tendo a consciência de que alguns aspectos virão a ser revistos no decurso da investigação.

¹ A minha participação neste encontro apenas foi possível graças ao apoio financeiro que me foi concedido pela Universidade Técnica de Lisboa, de modo a representar a *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Aqui deixo expresso o meu agradecimento a esta instituição.

² Por ‘morfologia interna’ entende-se aquela que se centra nas relações entre os constituintes internos das unidades lexicais; por ‘morfologia externa’ entende-se aquela morfologia que põe em relação a estrutura interna das unidades lexicais e a sua valência sintáctica. O modelo referido preconiza a prática de uma morfologia interna (cf. Dal (1997)). Só após um conhecimento significativo da morfologia interna de uma língua é legítimo passar a estudos de morfologia externa.

³ O *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, um dicionário brasileiro, serve-me, na minha investigação, não só como fornecedor de informação não contida nos restantes dicionários (devido à sua dimensão), mas, sobretudo, como fonte de verificação de contrastes entre as variantes europeia e brasileira do português.

1. Breve definição de ‘nome de qualidade’

Embora a denominação ‘nome de qualidade’ seja recorrente na literatura, nem sempre o conceito a ela associado é suficientemente explicitado. Para além desta denominação, é frequente encontrarem-se as de ‘nome de propriedade’ ou ‘nome essivo’. Dado que não cabe no âmbito da presente comunicação explicitar o conceito em pormenor, irei, num primeiro momento, caracterizar apenas sumariamente os nomes de qualidade, em termos semântico-referenciais e de tratamento lexicográfico.

Para efeitos deste trabalho, admito que os nomes de qualidade são aqueles que apresentam, globalmente, as seguintes características:

i. são sincategoremáticos, isto é, as ocorrências que estes substantivos agrupam manifestam dependência ontológica em relação a outras ocorrências: ocorrências de *brancura* implicam uma qualquer entidade que seja branca; ocorrências de *beleza* implicam uma qualquer entidade que seja bela;

ii. as entidades denotadas pelos nomes de qualidade são entidades com ocorrências múltiplas – dois objectos numericamente distintos podem participar da mesma propriedade: todos os objectos brancos manifestam ou exemplificam a qualidade chamada *brancura*; todos os objectos belos manifestam ou exemplificam a qualidade chamada *beleza*;

iii. as qualidades, entidades denotadas pelos nomes aqui em análise, têm um modo de ocorrência partitivo – uma qualidade é necessariamente interpretada como uma entidade que apenas se manifesta e se reconhece na multiplicidade dos objectos que caracteriza ou que é susceptível de caracterizar. Apenas pode, pois, ser interpretada como uma espécie particular de categoria contínua, que pode ser concebida como referindo, por um lado, à propriedade geral abstraída de qualquer ocorrência particular (*a beleza* denota a beleza em geral) e, por outro, sob a forma de ocorrências particulares (*a beleza da Maria* denota o caso particular de beleza exemplificado pela Maria);

iv. quase sempre, o nome de qualidade permite designar, por metonímia, uma entidade *X* (pessoa, objecto, acção, expressão, comportamento, etc.) que apresenta de modo relevante a qualidade em causa (ex.: *uma beleza* é um indivíduo (homem ou

mulher) que manifesta beleza de modo relevante; *uma honra* é um facto ou uma acção que manifesta honra de modo relevante);⁴

v. os nomes de qualidade correspondem regularmente a adjectivos susceptíveis de ocorrerem na construção SN₀ – *ser/estar* – Adj, existindo, para além do elo morfológico entre adjectivos e correspondentes substantivos, um elo sintáctico não menos regular entre a construção SN₀ – *ser/estar* – Adj e a construção Art def – N_{qual} – de SN₀, como se pode verificar em (1) a) e b):

(1) a) *Os Lusitanos eram valentes.*

b) *A valentia dos Lusitanos.*

vi. o elo referido em v. é confirmado, por exemplo, pelas definições lexicográficas, sendo que, frequentemente, *definiens* e *definiendum* se implicam mutuamente, como acontece nos seguintes artigos:

«**valente**, *adj.* 2 *gén.* que possui valentia (...). (Do lat. *valente-*, «robusto», part. pres. de *val/re*, «ser forte»).

valentia, *s. f.* qualidade de valente (de *valente* + *-ia*).»⁵

vii. do ponto de vista lexicográfico, os nomes de qualidade são normalmente definidos através de paráfrases próximas das seguintes: “qualidade de Adj / o facto de ser Adj”, sendo Adj a base de derivação do substantivo em causa.

O facto de o português, ao contrário de outras línguas como o francês, o italiano e o inglês, por exemplo, possuir o par de verbos *ser / estar* tem implicações para a formação de nomes de qualidade. À partida, não existem, na nossa língua diferenças morfológicas fundamentais entre os adjectivos que exprimem uma qualidade e aqueles que exprimem um estado. O mesmo adjectivo pode, pois, em princípio, denominar uma ou outro consoante o contexto, como em (2):

(2) a) *A Maria é bonita (desde que nasceu).*

b) *A Maria está bonita (porque o vestido que traz hoje lhe fica mesmo bem).*

No entanto, os adjectivos que resultam da desflexionação⁶ de participios passados estão normalmente mais aptos à denominação de estados do que de qualidades, embora existam excepções:

⁴ Só nestes casos é que estes substantivos admitem a co-ocorrência com o artigo indefinido.

⁵ Costa & Melo (1994).

⁶ Por ‘desflexionação’ (*déflexivation*) entende-se, no quadro do modelo de Danielle Corbin, o processo de formação de palavras que consiste na passagem para a componente lexical de uma forma flexionada de

(3) a) *A Maria está exausta.*

b) **A Maria é exausta.*

(4) a) *A Maria está aborrecida.*

b) *A Maria é aborrecida.*

Como consequência, os substantivos derivados de adjectivos são muitas vezes, simultaneamente, nomes de qualidade e nomes de estado, em particular quando o adjectivo-base se presta já a esta dupla denominação.

2. Diferentes estruturas morfológicas através das quais se podem denominar as qualidades

De acordo com as características definidas em 1., e fazendo uma pesquisa nos dicionários seleccionados, rapidamente se verifica que os nomes de qualidade, em português, são de vários tipos, consoante a sua história e/ou estrutura morfológica. De um modo geral, poderemos subdividi-los nos seguintes grupos:

i. unidades lexicais simples – ex.: *peso, volume, honra, orgulho*;

Os adjectivos correspondentes são derivados sobre estes nomes de qualidade (ao contrário do que acontece com os mais típicos nomes de qualidade), sobretudo por meio dos operadores afixais *-os-* e *-ad-* (cf. *peso* > *pesado*, *volume* > *volumoso*, *honra* > *honrado*, *orgulho* > *orgulhoso*)⁷.

ii. importações de outras línguas - ex.: *amplitude* < lat. *amplitud*(*ne-* ou *hombridade* < cast. *hombridad*; *gelividade* < fr. *gelivité*;

De entre estas importações, destaca-se um conjunto significativo de nomes de qualidade constituído por substantivos deverbais construídos em latim (ex.: *concisão* < lat. *concisi* (*ne-*, *extensão* < lat. *extensi* (*ne-*), facilmente associáveis aos seus respectivos participios passados latinos – (*concisi* (*ne-* / *concisu-* (port. *conciso*), lat. *extensi* (*ne-* / *extensu-* (port. *extenso*)). Estes participios passados funcionam, muitas

uma unidade lexical (ex.: *jantar*_N, *torrado*_{Adj} ou *avermelhado*_{Adj}) – Corbin, c. p. Trata-se, em suma, de uma forma particular daquilo a que as gramáticas tradicionais chamam derivação imprópria e que trabalhos mais recentes chamam conversão. A diferença, porém, entre a construção de *eléctrico*_N a partir de *eléctrico*_{Adj} e a construção de *jantar*_N a partir de *jantar*_V, por exemplo, é que se considera que a forma de infinitivo ou a de participio passado de um verbo são duas das suas formas flexionadas, pelo que o processo em causa tem que ser, necessariamente, distinto da conversão, onde as unidades envolvidas são formas não-flexionadas.

⁷ Os adjectivos derivados em *-ad-* sobre estas bases nominais coexistem com formas construídas por desflexionação a partir dos participios passados de verbos também derivados sobre estas bases (cf. *peso*_N > *pesar*_V > *pesado*_{pp}; *honra*_N > *honrar*_V > *honrado*_{pp}). Sobre a formação dos adjectivos em *-ad-* em português, cf. Rio-Torto (1991).

vezes, sincronicamente, em português contemporâneo, como adjectivos desflexionados a partir dos participios passados irregulares dos seus verbos bases – ex.: *exausto*_{pp-irreg}/*exaurido*_{pp-reg} < *exaurir*_v; *perverso*_{pp-irreg}/*pervertido*_{pp-reg} < *perverter*_v.

iii. substantivos resultantes de sufixação sobre bases adjectivais – ex.: *belo*_{Adj} > *beleza*_N ou *impermeável*_{Adj} > *impermeabilidade*_N;

Rio-Torto (1994) postula a existência de uma RFP_{ESSIV}⁸ (cf. p. 326) e, ao desenvolver esta questão, apresenta como operadores desta regra os seguintes sufixos⁹:

«-ado (*voluntariado*); -aria (*calmaria*); -ato (*anonimato*); -eir- [sic] (*cegueira*), -dade (*atlanticidade*; *teatralidade*); -dão (*vermelhidão*); -eza (*delicadeza*); -ia (*autonomia*); -ice (*garridice*); -ismo (*casticismo*); -tude (*altitude*); -ume (*negrume*); -ura (*brancura*, *frescura*)».

(Rio-Torto (1994: 331)).

O estabelecimento de uma lista final de sufixos passíveis de formarem nomes de qualidade a partir de adjectivos será um dos pontos finais e fulcrais da dissertação em curso, dado que esse estabelecimento vai depender de toda uma série de opções teórico-metodológicas a tomar e/ou a rever, por exemplo no que se refere ao modo de lidar com a diacronia no trabalho, à determinação exacta das categorias das bases em causa, etc. Por isso, neste momento limito-me a apresentar a mais recente lista de sufixos proposta por Rio-Torto.

iv. substantivos resultantes de conversão deadjectival - ex.: *branco*_{Adj} > *branco*_N ou *azul*_{Adj} > *azul*_N;

Neste grupo podemos apenas incluir os nomes de cor, derivados dos seus adjectivos correspondentes.

Alguns autores admitem a existência de outros nomes de qualidade derivados de adjectivos por conversão (ex.: *belo*_{Adj} > *belo*_N). É o caso de D. & P. Corbin (1991), que defendem a existência de um ‘conversão de abstracção’, que daria conta destes casos (cf. p. 77). Verifica-se, porém, que os substantivos assim construídos não apresentam todas as características que apresentei como definidoras dos nomes de qualidade¹⁰.

⁸ Leia-se: “Regra de formação de palavras que permite a construção de essivos”.

⁹ Retenho os exemplos apresentados pela autora.

¹⁰ Kerleroux (1996) defende mesmo que, nestes casos, não existe conversão, mas apenas aquilo que a autora designa por ‘distorsão categorial’. D. Corbin (c. p.) admite rever a posição assumida no texto supracitado. Em Correia (em preparação) desenvolverei este aspecto.

v. substantivos deverbais, nomeadamente em *-mento* – ex.: *aborrecer*_V > *aborrecimento*_N; *contentar*_V > *contentamento*_N; *convencer*_V > *convencimento*_N;

Trata-se de verbos cujos participios passados, após desflexionados, se converteram em adjectivos passíveis de designarem sobretudo estados; daí que, nas suas definições lexicográficas, se encontrem com frequência paráfrases do tipo “estado de/do que está Adj.” – ex.:

«**contentamento**, *s. m.* estado de quem está contente; satisfação; alegria (...)»¹¹.

Porém, como foi referido anteriormente, os adjectivos de estado em português podem facilmente ser designativos de qualidade ao ocorrerem em contextos com o verbo *ser*, como se verifica em (5):

(5) a) *A Maria está convencida de que tudo irá correr melhor agora.*

b) *A Maria é convencida.*

vi. substantivos resultantes de sufixação sobre bases nominais e que são, simultaneamente, substantivos colectivos – ex.: *americano*_N > *americanada*_N; *cigano*_N > *ciganagem*_N; *frade*_N > *fradaria*_N;

Atente-se no seguinte excerto:

«- *O Ricardo Pais gostava de ser o Bob Wilson, o multidisciplinar encenador americano?*

-Olhe, essa é uma ideia também muito bacoca.

-*Outra?*

-Bom, eu devo dizer-lhe que a partir de determinada altura fiquei muito snob. Achava que isto de teatro era uma **parolagem** geral.»¹²

A unidade lexical *parolagem* é, neste contexto, ambígua, podendo significar ‘um conjunto de parolos’ (i. e., interpretando a frase como significando que o teatro em Portugal era representado por um conjunto de parolos), ou ‘o teatro era parolo’ (i. e., a frase significaria que o teatro se caracterizava pelo facto de ser parolo, pela sua parolagem (ou parolice)). Esta ambiguidade manifesta-se em relação a praticamente todos os derivados em *-ada*, *-agem* e *-aria*, cujas bases denotam uma entidade [+Hum] pertencente a uma categoria que é delimitada por uma característica em geral comportamental. Daí que, frequentemente, estes substantivos passem a designar também a característica aglutinadora do conjunto e, do ponto de vista lexicográfico,

¹¹ Costa & Melo (1994).

¹² (*DN-Acto Contínuo*, 22-03-97, p. 17, c. 2 - Entrevista a Ricardo Pais). O destaque é da minha responsabilidade.

apresentem também paráfrases definicionais do tipo “acção / dito / comportamento próprio de Nb”;

vii. substantivos resultantes de sufixação sobre bases nominais e que são simultaneamente nomes de estatuto ou condição – ex.: *fidalgo* > *fidalgua*; *estrela* > *estrelato*.

Segundo Rio-Torto (1992), são três os operadores que intervêm na construção dos nomes de *-ado* (*abadiado*, *almirantado*), *-ato* (*androgenato*, *orfanato*) e *-ia* (*assessoria*, *serventia*)¹³ – cf. pp. 447-448. Os substantivos que servem de base a estes derivados denotam categorias também elas delimitadas através de uma qualidade de que os seus membros são portadores (o estatuto de abade ou almirante; a condição de andrógino ou de órfão; a função de assessor ou servente).

3. Notas conclusivas

O trabalho agora apresentado constitui o resultado provisório da pesquisa que está a ser levada a cabo por forma a identificar os vários tipos de substantivos que podem denominar as qualidades. Alguns dos subgrupos apresentados em 2. merecerão uma revisão ulterior e, provavelmente, o número destes subgrupos virá a ser reduzido (nomeadamente, resta, por exemplo, estabelecer correctamente a relação entre os grupos vi. e vii).

De resto, a dificuldade de delimitação clara entre as categorias dos deverbais, dos deadjectivais e dos denominais (colectivos e nomes de estatuto / condição) havia já sido constatada em Rio-Torto (1994) e até em trabalhos anteriores. Efectivamente, estas categorias de substantivos parecem apresentar estruturas de tipo prototípico, isto é, as fronteiras entre as diferentes categorias não são estanques, existindo, para cada categoria, casos mais típicos e casos mais periféricos. Importa, pois, nesta fase de trabalho, mais do que descrever os casos mais típicos de cada categoria (que se encontram já razoavelmente caracterizados), descrever as condições em que determinados elementos, situando-se nas periferias de mais do que uma categoria, podem, pela sua própria polissemia, pertencer a categorias diferentes.

Além disso, importará, por exemplo, estudar o estatuto dos pares de sufixos/formas sufixais *-ança/-ância* e *-ença/-ência*, que não foram sequer mencionados neste trabalho: serão efectivamente estes sufixos operadores intervenientes

¹³ Retenho exemplos apresentados pela autora.

na construção de nomes de qualidade, ou serão meros operadores intervenientes na construção de substantivos deverbais?

Muitas perguntas ficam, portanto, sem resposta. De qualquer forma, dada a escassez de trabalhos feitos para a língua portuguesa, nesta área, considero que as achegas aqui apresentadas poderão trazer algum contributo a quem procure entender como funcionam os mecanismos de construção do significado dos nomes de qualidade.

Bibliografia

- Corbin, Danielle (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2 vols. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Corbin, Danielle (1991). «Introduction - La formation des mots: structures et interprétations». In: *Lexique 10*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, pp. 7-30.
- Corbin, Danielle (1997). «La représentation d'une "famille" de mots dans le *Dictionnaire dérivationnel du français* et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs». In: *Recherches linguistiques de Vincennes*, pp. 5-37 + errata.
- Corbin, Danielle (a publicar). «French (Indo-European: Romance)», artigo 121. In: *Encyclopédie Internationale de Morphologie*.
- Corbin, Danielle & Pierre (1991). «Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*». In: *Lexique 10*, pp. 61-145.
- Correia, Margarita (em preparação). *A formação dos nomes de qualidade em português*. Dissertação de Doutoramento a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo (1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. revista e ampliada. Porto: Porto Editora.
- Dal, Georgette (1997). «Le modèle SILEX: un modèle "dé-génératif"». Conferências realizadas no âmbito da Cooperação Científica e Técnica Luso-Francesa. Lisboa: Faculdade de Letras, 30 e 31 de Outubro de 1997 (texto disponível).
- Ferreira, Aurélio Buarque da Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Figueiredo, Cândido (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 25ª ed., 2 vols. c/ CD-Rom. Lisboa: Bertrand.
- Kerleroux, Françoise (1996). *La coupure invisible: Études de syntaxe et de morphologie*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Morais Silva, António de (1961). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. 6ª edição [edição compacta do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, segundo a 10ª edição revista e aumentada]. 5 vols. Mem Martins: Editorial Confluência.
- Riegel, Martin (1985). *L'adjectif attribut*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rio-Torto, Graça Mª (1991). «Morphologie des adjectifs portugais en *-ado*». In: *Lexique 10*, pp. 241-267.
- Rio-Torto, Graça Mª (1992). «Do *ser* à *acção*: "o facto de ser X", "condição (estatuto) de X" e "atitude de (quem é) X"». In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, pp. 427-456.
- Rio-Torto, Graça Mª (1994). «Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral». In: *Diacrítica*, nº 9, pp. 319-342.

Velde, Danièle Van de (1996). *Le spectre nominal: des noms de matières aux noms d'abstractions*. Lovaina / Paris: Éditions Peeters.